

A EDUCAÇÃO DOS FILHOS, SEGUNDO O SIRÁCIDA

Pe. Ney Brasil Peretra
Professor de Exegese

Um dos temas mais difíceis, também dos mais fascinantes, e de perene atualidade, na pastoral familiar, é o da educação dos filhos. Como tratá-los? Como educá-los, fazendo jus ao sentido etimológico do verbo “educar” – “conduzir para fora” – ajudando-os a extrair de si mesmos, para a vida, as próprias potencialidades? Como educá-los com clareza e firmeza, sem reprimi-los?

É conhecida a posição dos Sábios de Israel, especialmente nos livros bíblicos dos Provérbios e do Sirácida, em favor de uma educação severa. Sirva de amostra o princípio que introduz a mais longa reflexão sapiencial sobre o tema, reflexão encontrada precisamente no livro do Sirácida, o “Eclesiástico”, c. 30,1-13: “*Quem ama o filho usa com freqüência o chicote*” (Sir 30,1a)... A afirmação é tão clara, no seu teor paradoxal, que, mesmo se já sabida, nos choca, pelo fato de representar uma posição pedagógica “ultrapassada”, ao menos pelos nossos parâmetros ocidentais. Mas como “ultrapassada”, se se trata de uma convicção do autor inspirado, aliás, dos autores inspirados – porque não é só o Sirácida quem assim se exprime – convicção mais vezes reafirmada, não podendo, pois, ser analisada como uma opinião de passagem, sem importância no seu pensamento?

1. A posição bíblica

O tema já fora tocado pelo Sábio, com a mesma decidida opção pela severidade, no c. 7,23: “*Tens filhos? Corrige-os; e dobra-lhes o pescoço desde a infância*”⁽¹⁾. Da mesma forma, no c. 23,3,6: “*É vergonha para o pai ter um filho mal-educado; se se trata de uma filha, é para sua ruína... Advertência inoportuna é como música em velório; mas varas e disciplina são sabedoria em qualquer tempo!*” Notar, nessa última afirmação, a hendiáde “*varas e disciplina*”, a “disciplina” completando-se com as “varas” e vice-versa, de acordo, aliás, com a tradição dos antigos (e recentes) Provérbios.

Quem poupa a vara, odeia seu filho; quem o ama, corrige-o desde cedo

Veja-se, por exemplo, Pr 13,24: “*Quem poupa a vara, odeia seu filho; quem o ama, corrige-o* (subentendo-se “com a vara”) *desde cedo*”. Também Pr 19,18, embora recomendando que o castigo físico não fosse administrado com fúria assassina, pois em casos extremos o filho desobediente poderia, não pelo pai, mas pelos anciãos do lugar, ser julgado réu de morte (cf Dt 21,18-21!), acredita que a “correção” – com a “vara”! – é um santo remédio: “*Corrige teu filho enquanto há esperança; mas não te arrebatas a ponto de fazê-lo morrer*”...

Da mesma forma, Pr 22,15, ainda na secção mais antiga do livro dos Provérbios (cc. 10-22), sentencia: “*A loucura está ligada ao coração do jovem* (hebr. *na'ar*: jovem, adolescente, menino), *mas a vara da disciplina o afastará dela*”. E ainda, Pr 23,13-14, no final da coleção dita “de Amenemope”: “*Não afastes do jovem a disciplina! Se lhe bates com a vara, não morrerá! Mas antes, se lhe bates com a vara, hás de salvá-lo do Xeol!*” Na mesma linha, Pr 29,15, no final da segunda coleção salomônica (cc. 25-29): “*Vara e disciplina dão sabedoria; criança entregue a si mesma envergonha sua mãe*”...

Ainda, sem pretendermos ser exaustivos, poderíamos recordar a famosa passagem de Jó 5,17, a qual, porém, exprime não o pensamento de Jó mas o de Elifaz, um de seus “amigos”: “*Ditoso o homem a quem Deus corrige; não desprezes, pois, a correção de Shaddai*”. Mais adiante, em Jó 33,19, Eliú volta à carga, afirmando que o sofrimento, a doença, que retém o enfermo em seu leito, é também uma “correção” do Senhor, como são “correção” para a terra as calamidades naturais, segundo o mesmo Eliú, em Jó 37,13. No Sl 50,17, o Salmista faz o próprio Deus recriminar ao ímpio que ele “*detesta a disciplina*” (hebr. *musar*, gr. *paideia*: disciplina, correção) como um filho rebelde, pensamento que voltará, como veremos a seguir, nos Provérbios e em Jeremias.

No livro dos Provérbios, além dos textos já lembrados, podemos citar a passagem em que o autor da 1ª parte desse livro (Pr 1-9, que é a parte mais recente, pós-exílica) quer prevenir o discípulo para que ele não tenha de lamentar, um dia, quando atingido pelas conseqüências dos seus excessos, o fato de ter “detestado a disciplina”, e seu coração ter “evitado as repreensões” (Pr 5,12)... No mesmo c.5 de Provérbios, o autor emite o veredito seguinte contra o “ímpio”: “*Ele morrerá por falta de disciplina*”, enquanto, no c.6, recordará que são “*caminho de vida, as lições da disciplina*” (Pr 6,23).

Quem ama a disciplina, ama o conhecimento; quem detesta a repreensão é estúpido

Aliás, já em Pr 12,1 (na parte mais antiga do livro: Pr 10-22) encontramos a clara contraposição entre a aceitação, mesmo o amor, da disciplina, e a aversão da repreensão, com resultados opostos: “*Quem ama a disciplina, ama o conhecimento; quem detesta a repreensão é estúpido*”... Em Pr 15,10 temos um versículo aparentemente simples, sobre a “disciplina”, mas cuja tradução é a mais variada possível⁽²⁾, levando-me a propor a interpretação seguinte: “*A disciplina é um mal* (ou: “*é má*”) *para quem abandona a vereda*”... Da mesma forma, em Pr 15,32 contrapõe-se “*aquele que rejeita a disciplina*”, o qual “*despreza a si mesmo*”, ao que “*escuta a repreensão*”, o qual “*adquire entendimento*”.

Nos Profetas, temos alguns textos de Jeremias que evidenciam a importância da “disciplina” e ao mesmo tempo o fato da sua não aceitação pelo povo rebelde. Assim, Jr 2,30: “*Em vão feri os vossos filhos; eles não aceitaram a disciplina*”, isto é, a correção do Senhor. Também Jr 5,3b: “*Tu os consumiste, mas eles recusaram aceitar a correção, e endureceram seus rostos mais que a rocha*”... Em Jr 6,8 temos o convite insistente do profeta: “*Aceita a correção, Jerusalém, para que eu não me aparte de ti*...”, mas em Jr 7,28 a constatação é amarga: “*Esta é a nação que não escutou a voz do Senhor seu Deus, e não aceitou a correção*...”, constatação que retorna em Jr 7,23: “*Eles não escutaram... antes, endureceram sua cerviz para não escutarem e não receberem a correção*”... Também em Sofonias, no c.3, temos duas referências à “correção” ou “disciplina” que Jerusalém não aceita (v.2) mas que deveria aceitar: “*Ao menos tu me temerás, e aceitarás a correção*...” (Sf 3,7).

A esta altura, creio que vale a pena uma digressão sobre o sentido da palavra “disciplina”, que traduz o hebr. *musar* e o gr. *paideia*, *musar* provindo da raiz *yasar*, que tem o sentido

fundamental de "castigar" corrigindo e/ou corrigir "castigando"⁽³⁾. Ao hebr. *musar* corresponde o gr. *paideia*, que normalmente se traduziria por "educação", "instrução", mas que, correspondendo ao hebr. *musar*, deve antes traduzir-se por "disciplina", "correção", mesmo "castigo", só que não o vindicativo mas o corretivo. Mais ou menos como o "temor" de Deus, que é o "princípio da Sabedoria" (cf, entre tantas outras citações, Pr 1,7 e Sir 1,14), e que não é o temor servil, o medo, mas o temor reverencial, o respeito, que convive perfeitamente com o amor⁽⁴⁾.

Assim, na famosa citação de Pr 3,11-12, que é retomada por extenso na carta aos hebreus c.12,5-6, a tradução da BJ, na edição brasileira, tanto na edição de 1981 como na edição, revista, de 1985, insistentemente traduz *paideia* por "educação" e *paideuo* por "educar", sendo infiel ao texto da edição francesa e não correspondendo ao sentido legítimo do original grego (do Novo Testamento e da LXX) e do substrato hebraico, como aliás a excelente Nota ao v.7 bem explica.

Os sofrimentos são necessários em nossa vida, exatamente como os castigos, as "correções"

Mas vejamos essa longa passagem de Hb 12,5-11, em cujo início o autor censura seus destinatários por parecerem ter esquecido a lição de Pr 3,11-12, pois estão dando a impressão de não compreenderem que os sofrimentos são necessários em nossa vida, exatamente como os castigos, as "correções", que o filho amado recebe do pai:

(5)...*"E esqueceste a exortação que vos foi dirigida como a filhos: Meu filho, não desprezes a correção do Senhor, e não desanimes quando ele te corrige. (6) Pois o Senhor corrige a quem ama, e castiga todo filho a quem acolhe. (7) É para vossa correção que sofreis. Deus vos trata como a filhos. Qual é, com efeito, o filho, a quem o pai não corrige? (8) Se estais privados da correção da qual todos participam, então sois bastardos e não filhos. (9) Nós tivemos os nossos pais segundo a carne, que nos corrigiam, e os respeitávamos. Não haveremos de ser muito mais submissos ao Pai dos espíritos, a fim de vivermos? (10) Pois eles nos corrigiam por pouco tempo, segundo lhes parecia bem. Deus, porém, nos corrige para o aproveitamento, a fim de nos comunicar a sua santidade. (11) Toda correção, com efeito, no momento não parece motivo de alegria, mas de tristeza. Depois, no entanto, produz naqueles que assim foram exercitados, um fruto de paz e de justiça"*.

Assim, o autor da carta aos hebreus tira toda uma lição prática, importante e decisiva para a comunidade provada, argumentando, a partir da tradição sapiencial constante, com o fato irrecusável de que o filho amado, se de fato é amado, é também corrigido, castigado, pelo pai... Raciocínio idêntico, aliás, ao que já fora feito pelo redator do Dt 8,5 e que será retomado pelo autor do Apocalipse, em Ap 3,19, o qual atribui as seguintes palavras ao Cristo que julga a Igreja que está em Laodicéia: *"Quanto a mim, repreendo e corrijo⁽⁵⁾ aqueles a quem amo"*. Da mesma forma, mas aí só de passagem, Paulo na 1Cor 11,32 fala também de sermos "corrigidos" pelo Senhor neste mundo, para não virmos a ser condenados...

Mas é tempo de voltar ao Sirácida, à longa passagem na qual ele, ex professo, desenvolve o tema da educação dos filhos, no c. 30,1-13, passagem que citaremos integralmente, antes de comentá-la:

- (1) *Quem ama o filho, usa com frequência o chicote, para poder mais tarde alegrar-se com ele.*

- (2) *quem corrige o filho, fica satisfeito com ele e dele se orgulhará entre os conhecidos.*
- (3) *Quem ensina o filho, causa inveja ao inimigo e, diante dos amigos, se rejubilará por causa dele.*
- (4) *Se o pai vem a morrer, é como se não tivesse morrido: pois, em seu lugar, deixa um filho que lhe é semelhante.*
- (5) *Na vida, sentiu alegria ao vê-lo; na morte, não tem de que se lamentar:*
- (6) *deixou quem o vingue de seus inimigos e retribua os favores a seus amigos.*
- (7) *Quem trata com moleza o filho, deverá pensar-lhe as feridas e, a todo gemido, suas entranhas estremeirão.*
- (8) *Um cavalo não domado torna-se recalcitrante; um filho indisciplinado torna-se atrevido.*
- (9) *Mima teu filho, e te dará surpresas desagradáveis; brinca com ele, e te contristarás.*
- (10) *Não rias com ele, para não teres de com ele chorar e não venhas, por fim, a ranger os dentes.*
- (11) *Não lhe dêes liberdade na juventude nem feches os olhos a seus erros.*
- (12) *Dobra-lhe o pescoço enquanto é jovem e vergasta-lhe os flancos enquanto criança; para que, obstinado, não te desobedeça e não te sobrevenha a angústia no coração por causa dele.*
- (13) *Corrige teu filho e ocupa-te com ele, para que não venhas a cair com a sua depravação.*

O conceito de educação na antiguidade: severidade, castigo corporal, distância

Vemos que a passagem desenvolve o tema numa linha toda coerente com o conceito de educação na antiguidade: severidade, castigo corporal, distância. Veja-se, a propósito, o conselho de Ahiqar siríaco 3,32, cit. por MINISSALE⁽⁶⁾: *"Filho, não arrefeças de bater em teu filho; o castigo na criança é como o estreme no jardim, como a espora no animal, como o ferrolho na porta..."* Isto, sem esquecer os princípios que, sobre a educação dos filhos, apresenta o livro dos Provérbios, como já vimos acima.

E agora, uma observação importante, que reproduzo do meu Comentário, já citado⁽⁷⁾. O Sirácida, que normalmente aborda os dois lados de uma realidade, não esquecendo de apontar o positivo quando lembrou o negativo e vice-versa (cf o tratamento que ele dá ao tema da "mulher", nos cc. 25,13 - 26,27), nesta questão da severidade na educação dos filhos não hesita. É a linha dura, sem reservas! E isto ele o faz, nesta longa passagem, apresentando, nos primeiros 6 vv. (30,1-6), os bons frutos de uma educação severa, enquanto, nos 7 vv. seguintes (30,7-13), adverte contra os maus resultados de uma educação frouxa, quando um pai é relapso em "disciplinar" seu filho.

Entre os detalhes que poderíamos ressaltar, notamos, por exemplo, o "chicote" do v.1; a menção da "vingança dos inimigos" no v.6 (recorem-se as instruções de Davi moribundo a seu filho Salomão, em 1Rs 2,5-9), "vingança" que, à luz das convicções do autor, p.ex. em 28,1 (*"Quem se vingar, encontrará vingança no Senhor..."*), deve ser entendida antes como "defesa" contra os concorrentes invejosos; a idéia da sobrevivência do pai no filho,

v.4: o homem, imagem de Deus, gera um filho "à sua imagem e semelhança", Gn 5,3... A propósito, poderíamos citar Tb 9,6, passagem na qual Gabael diz ao jovem Tobias: "Ó nobre e bondoso jovem, filho de um nobre e bondoso, reto e caridoso varão... Bendito seja Deus, por eu ter visto a própria 'imagem' do meu primo Tobit!"

A advertência insistente contra os mimos e a demasiada familiaridade e liberdade

Outros detalhes: nos v. 7-11 notamos a advertência insistente contra os mimos e a demasiada familiaridade e liberdade, que um pai que se preza jamais deveria conceder ao filho, sob pena de estragá-lo e perdê-lo... No v.13a, conclusivo da perícopa, o texto hebr. original é bem mais forte que o texto gr.: "Corrige teu filho e torna pesado o seu jugo" (em vez de: "e ocupa-te com ele"), o "jugo mais pesado" recordando a expressão que se encontra em 1Rs 12,10-11, quando os jovens amigos de Roboão persuadem-no a tornar ainda mais pesado o seu "jugo" sobre o povo...

Mas temos ainda outro texto, novamente inequívoco, do Sirácida, onde ele rebate na sua tecla da severidade na educação dos filhos: é no c. 42,5b, onde, depois de mencionar cerca de vinte casos nos quais se deve ter "vergonha" de proceder dessa ou daquela forma, ele enumera quinze casos nos quais *não* se deve ter "vergonha"... E um desses casos é, escreve ele: não ter vergonha de "corrigir - disciplinar - frequentemente os filhos"!

Aqui, novamente a questão, já formulada acima: Como entender essa posição insistente, inequívoca, do autor inspirado, nitidamente oposta à da moderna pedagogia? Onde está a verdade: na sabedoria antiga, ou na pedagogia moderna?

2. Dado cultural?

Por uma dessas coincidências que são pequenos - e grandes - mimos da Providência, recebi há dias o "Biblical Theology Bulletin" de New Jersey, EE.UU., o n.3 do corrente ano, um de cujos artigos, da autoria de John L. PILCH, trata exatamente do problema que nos ocupa, partindo de Sir 30,12 ("Vergasta-lhe os flancos enquanto é criança"), o título do artigo indicando que o texto referido é "uma janela sobre o mundo mediterrâneo" e sua cultura ⁽⁸⁾.

Uma teologia bíblica que seja verdadeira em relação à Bíblia e também relevante para a vida contemporânea

A tese de PILCH é que a posição do Sirácida - e de toda a tradição bíblica que ele representa, tanto do Antigo como do Novo Testamento - é um **dado cultural**, que deve ser relativizado como tal, uma vez que contrasta com o **dado também cultural** da pedagogia americana e ocidental moderna. E conclui (traduzo do original inglês): "Os teólogos contemporâneos devem adotar métodos e modelos de cruzamento cultural ("cross-cultural methods") para interpretarem os textos da Bíblia, a qual se originou na tradicional cultura mediterrânea e dela é um reflexo. Só desse modo poderão eles desenvolver uma teologia bíblica que seja verdadeira em relação à Bíblia e também relevante para a vida contemporânea na América. Isto é genuína comunicação intercultural" ⁽⁹⁾.

Vale a pena também, aqui, transcrever o sumário do artigo (que traduzo do "Abstract" inicial): "O castigo físico de adoles-

centes, proposto com aprovação pelo Sirácida e Provérbios, abre uma janela, para leitores não mediterrâneos, sobre a cultura do mundo mediterrâneo tradicional e faz surgir a questão de como teólogos bíblicos dos EE.UU. devem lidar com tal injunção culturalmente condicionada. Um modelo construído por Peter S. COOK, a partir de pesquisa empírica, ajuda o leitor não-mediterrâneo a interpretar esses dados e a reunir e prosseguir interpretando dados adicionais em textos bíblicos sobre a educação de meninos e meninas. Esta informação, por sua vez, é crucial para construir cenários culturalmente apropriados, indispensáveis a leitores não-mediterrâneos interessados em respeitosa e culturalmente plausíveis interpretações da Bíblia. O sofrimento dos heróis bíblicos toma novo sentido se lido nesse contexto" ⁽¹⁰⁾.

Tentando, agora, ver como PILCH desenvolve a tese, no seu denso artigo, constatamos que ele começa analisando a maneira submissa como Isaac enfrenta seu quase-sacrifício às mãos de Abraão (Gn 22) e como Jesus, no jardim da agonia, se resigna à vontade do Pai (Mc 14,36). A seguir, compara a visão da natureza humana nas diferentes culturas: a visão moderna é positiva, considerando a natureza humana basicamente neutra e antes boa que má, enquanto a cultura mediterrânea antiga é negativa, reconhecendo nas pessoas a mistura de propensões boas e más (cf as obras "da carne" e "do espírito" em Gl 5,19-20) e insistindo na vigilância e no cuidado para que o mal não irrompa (cf 1Pd 5,8).

Dessa dupla visão decorreriam os dois "estilos" de educar: 1) a visão positiva favorece um estilo de educar que **confia** em que os educandos agirão corretamente desde que apenas informados ou bondosamente guiados, a criança sendo considerada "parceira" da responsabilidade paterna no processo educativo... 2) a visão negativa, ao contrário, favorece um estilo de educar que **desconfia** dos educandos: eles só agirão corretamente se firmemente direcionados, o castigo físico ajudando-os a se auto-controlarem ⁽¹¹⁾...

A honra de um pai ou patriarca dependerá em grande parte da sua capacidade de impor a vontade a toda a família

A seguir, depois de enquadrar o método pedagógico do Sirácida (e Provérbios) obviamente no segundo tipo, PILCH analisa a educação familiar na cultura mediterrânea. E começa lembrando que educar, no mundo mediterrâneo, "é uma estratégia pela qual os adultos socializam seus filhos no sentido de os tornarem leais à família de origem". Essa lealdade tem de ser inculcada cedo, e se relaciona com os valores fundamentais da honra e desonra, que são prevalentemente valores de grupo: a má conduta de um membro do grupo desonra o grupo todo. Ora, como o pai é a figura central da família, obedecer-lhe é fundamental, como o ensina o 4º mandamento e o Sirácida comenta: "Quem teme o Senhor honra seu pai e, como a senhores, servirá seus genitores" (Sir 3,7). Por sua vez, a honra de um pai ou patriarca dependerá em grande parte da sua capacidade de impor a vontade a toda a família, o que supõe a estratégia de uma severa disciplina.

E as filhas? PILCH nota, e com razão, que praticamente a totalidade dos conselhos sobre a educação dos filhos, no Sirácida e nos Provérbios, concerne aos meninos e adolescentes, não às meninas. Aliás, todo o livro do Sirácida é destinado à instrução dos jovens, que cresciam e iam viver numa sociedade machista (como diz PILCH: "a male-oriented and male-dominated society" ⁽¹²⁾), sem a mínima intenção de instruir as jovens ⁽¹³⁾. Cito PILCH: "As meninas eram tratadas rudemente por suas mães e socializadas o mais breve possível, para adotarem os papéis

femininos que delas se esperava ao longo de suas vidas. De fato, as meninas mediterrâneas não tinham infância. Deviam assumir as tarefas caseiras e outras atribuições femininas o mais cedo possível, tarefas por sinal difíceis e fisicamente exigentes, além de constantemente ensinadas a serem submissas” (14)...

Nessa linha, aliás, encontramos várias passagens do Novo Testamento, p.ex. a do autor (dêutero-paulino?) da 1Tm 2,11: “Durante a instrução a mulher conserve o silêncio, com toda a submissão”. É conhecida, a propósito, a problemática do conceito paulino sobre a mulher, conceito revolucionário em Gl 3,28 (“não há homem e mulher... todos sois um no Cristo Jesus”) e aparentemente conformista em Ef 5,22: “Mulheres, sede submissas a vossos maridos, como ao Senhor” (15). Não é de esquecer também o sintomático texto do Sirácida, c.42,9-11, exprimindo as preocupações diurnas do pai com suas filhas, preocupações aliás mais com a própria “honra” e interesse do que com o bem-estar e o interesse delas mesmas...

Quanto aos filhos, PILCH lembra a estreita dependência deles em relação à mãe e às mulheres da parentagem nos primeiros anos, quando são amamentados e acarinhados até o momento de serem transferidos para o duro e autoritário ambiente masculino. A partir de então, aos 7-8 anos, uma das maneiras de desenvolver a masculinidade serão os castigos físicos, suportados sem queixa (16)... Isso levará o rapaz a perceber que só é autenticamente homem, viril, aquele que suporta a dor física e o sofrimento sem se lamentar. Conseqüências negativas desse tipo de educação, ainda segundo PILCH, é o risco crescente de conflito e frustração nas relações humanas básicas, pela falta do esforço de compreensão por parte do pai em relação ao filho, por causa da exclusiva ênfase na autoridade e na obediência. Há o risco também da passividade e da inibição de qualquer mudança, porque o adolescente é treinado para aceitar sem questionamento a hegemonia da autoridade (17)...

A pessoa do próprio Jesus em tudo se revela como o homem mediterrâneo típico, “treinado” para o sofrimento

A seguir, PILCH passa em revista os “heróis bíblicos”, a começar pelo “Servo sofredor” de Is 42, 50 e 53, no qual ele vê alguém apresentado como um “herói cultural” admirado e proposto à veneração pela sua capacidade de afrontar o sofrimento mais excruciante sem um gemido. Também o poeta das Lamentações, apesar de suas queixas, mostra-se resignado e pensa ser proveitoso “carregar o jugo desde a mocidade” (Lm 3,27). Quanto aos profetas, as ameaças dos castigos de Javé sobre o povo culpado (cf Os 8,14; Mq 6,13-16 etc) são paralelas às ameaças e castigos de um pai mediterrâneo que pune convictamente seu filho... Paulo, por sua vez, recordando enfaticamente seus sofrimentos e deles “gloriando-se” (cf 2Cr 11,21-30; 1Cor 4,9-13 etc), seria um lúcido representante do “herói bíblico” que aprendeu bem a lição da severa pedagogia diretiva da cultura mediterrânea.

Por fim, a pessoa do próprio Jesus, quer nas duras exigências aos discípulos, quer na sua própria submissão obediente à vontade do Pai (cf Mc 14,36), quer ainda no seu próprio silêncio paciente durante a Paixão, em tudo se revela como o homem mediterrâneo típico, “treinado” para o sofrimento... Não é outra coisa, aliás, o que exprime o autor da carta aos Hebreus: “Como filho” (18), ele – Jesus – aprendeu a obediência pelos sofrimentos que suportou” (Hb 5,8). Ora, caracterizar Jesus como “obediente” era um dos mais rasgados elogios que se lhe podiam fazer dentro da cultura mediterrânea, demonstrando aliás que ele estava bem “socializado em seu mundo cultural” (19).

Pelo final do seu artigo, PILCH aborda o tratamento da questão cultural pelos teólogos bíblicos. E, citando STEWARD e BENNETT (20), fala do “preconceito” de abordar a Bíblia como se fosse um documento “transcultural”, que ofereça perspectivas teológicas “supraculturais”. Isto provém, diz ele, do vício de ignorar as diferenças de comportamento, pensamento, valores, entre nós e os antigos. Não se trata de forçar uma ocidentalização dos valores do Oriente Médio antigo nem de simplesmente importá-los. Cito novamente PILCH: “Se a teologia cristã é vista como uma reflexão sobre a experiência humana comum à luz do evento Jesus Cristo, os teólogos devem procurar aquela comum experiência ou aquele terreno comum que emerge do reconhecimento e do respeito das diferenças culturais”. No mundo do Oriente Médio que produziu a Bíblia, suportar sofrimento físico sem queixa caracterizava o herói bíblico, e o castigo físico dos meninos tendia a produzir tais heróis. Nossos contemporâneos definem seus heróis culturais de maneira diferente e contam com estratégia disciplinar diferente para produzi-los, embora tal maneira de ver seja relativamente recente... (21)

Conclusão

Confesso que o artigo de PILCH foi iluminante, ao mesmo tempo que intrigante, abrindo uma perspectiva nova para a compreensão do Sirácida – no problema que nos ocupa – a partir da questão cultural, hoje tão focalizada, tão falada, tão discutida, e reconhecida inclusive na IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Santo Domingo, um de cujos temas norteadores foi precisamente a “cultura cristã” (22). Confesso também que não navego tranqüilamente por essas águas, tendo pouco conhecimento das pesquisas já avançadas desse tipo de abordagem sociológico-cultural do texto bíblico. A impressão que me fica, porém, é a de uma leitura por demais, ou quase exclusivamente, crítica, material (não digo “materialista”), pouco “obediente” ao texto inspirado, mais disposta a interpelar o texto que a deixar-se interpelar por ele, embora, por outro lado, desmistifique a leitura ingênua e fundamentalista, que também não é fiel ao texto...

É a grande intuição da pedagogia bíblica, embora sob as imagens duras, digamos, ultrapassadas, da vara e do jugo

Por outro lado, a interpretação cultural que PILCH apresenta, parece redutora demais de uma realidade que mesmo a pedagogia moderna começa a rever. Diante dos exageros libertários da “Escola Nova”, que não leva em conta os limites que a própria vida e a convivência social nos impõem, limites que devem ser apontados à criança, sob pena de virmos a contar com adolescentes e jovens opressores e irresponsáveis – porque habituados a verem satisfeitos todos os caprichos – parece estar na hora de, na educação, voltar a mostrar, com firmeza, esses limites. Esta, aliás, é a grande intuição da pedagogia bíblica, embora sob as imagens duras, digamos, ultrapassadas, da vara e do jugo... Depois, insistir tanto no aspecto cultural da interpretação bíblica do sofrimento e dos “heróis bíblicos”, não percebendo nessa interpretação o dado teológico “transcultural”, será legítimo?

Concretamente, em relação à severa pedagogia familiar do Sirácida, apesar da contribuição de PILCH, eu retomaria quase “ipsis litteris” a posição que expressei no meu comentário a Sir 30,1-13 (23), onde, depois de lembrar que a moderna pedagogia parece frontalmente contrária àquele tipo de educação, eu perguntava: “Onde está a verdade: na sabedoria antiga, ou na pedagogia moderna?” E prosseguia: “É claro que a questão não

pode ser decidida aqui em duas linhas. Mas nesta, como em outras questões, a verdade parece estar não na alternativa mas na síntese: nossas famílias modernas, mesmo beneficiando-se das inegáveis conquistas da psicologia e da pedagogia, bem que deveriam redescobrir os sábios conceitos do respeito e da disciplina. Aliás, talvez seja esse o equilíbrio visado por Paulo na carta aos Efésios c.6,1-4 onde, após ter recomendado a obediência aos filhos, aconselha os pais a que não dêem "motivo de revolta" a seus filhos, ou, como diz a carta aos Colossenses na passagem paralela (Cl 3,21): "Pais, não irriteis os vossos filhos, para que não desanimem"...

Em suma, trata-se da arte suprema, a de educar um filho, uma filha. Os pais – e as mães – que o digam. Que o digam também os professores, as professoras. Com menos clareza que o Sirácida, que, em ambiente decididamente patriarcal, não hesita na sua linha pedagógica severa, mas com mais conhecimentos das várias ciências humanas que ajudam a compreender melhor a criança e, por outro lado, com a diversidade maior de perspectivas e circunstâncias, também familiares, que tornam complexa a sua missão, os pais e mães de hoje, também nos lares incompletos, são chamados a realizar esta tarefa extraordinária: encaminhar para a vida seus filhos. Que o "Espírito Santo educador" (lit. *santo Espírito da disciplina*, gr. *paideia*, cf Sb 1,5) os ilumine, acompanhe, fortaleça, faça frutificar seus esforços e lhes conceda a graça de poderem dizer, a respeito de seus filhos e filhas, o que o Pai celeste disse, referindo-se a Jesus: "Este é meu filho querido, que me dá muita alegria!" (Mt 3,17⁽²³⁾).

NOTAS

(1) Este v. faz parte da perícopa que abrange os v. 18-28, no c.7, vv. nos quais o Sirácida apresenta uma síntese do seu pensamento sobre as "relações domésticas e sociais", como explico no meu comentário "Sirácida ou Eclesiástico", Ed. Vozes/Sinodal/Methodista, 1992, p.56-57.

(2) Assim, a BJ: "Severa disciplina para quem se afasta da trilha"; a Bíblia das Vozes: "Severa correção haverá para quem se afasta da vereda"; a Bíblia da Loyola: "Censura grave fere quem deixa o bom caminho"; a Bíblia da Ave Maria: "Severa é a correção para quem se afasta do caminho" etc.

(3) Cf JENNI-WESTERMANN, "Diccionario Teologico manual del Antiguo Testamento", vol.I, Ed. Cristiandad, Madrid 1978 (trad.), col. 1016ss.

(4) Cf a sábia fórmula do compromisso matrimonial, no Rito do sacramento do Matrimônio, quando os noivos prometem, para toda a vida, "amar-se e respeitar-se"!

(5) Novamente, o equívoco da BJ na edição brasileira, tanto a de 1981 como a de 1985, traduzindo *paideia* por "educar", quando deveria ser, pelo menos, "corrigir, se não até "castigar", como o propõe o latim da Vulgata, também da Neo-Vulgata: "Ego, quos amo, arguo et castigo"...

(6) Cf MINISSALE, A., "Siracide (Ecclesiastico)", Ed, Paoline, Roma, 1980, p.147-148. O texto de *Ahiqar* 3,32 é citado mais amplamente, com algumas diferenças, por SKEHAN, P.W.—DI LELLA, A.A."The Wisdom of Ben Sira", Anchor Bible, Doubleday, N.York, 1987, p.377.

(7) Cf PEREIRA, N.B., "Sirácida ou Eclesiástico", Ed. Vozes/Sinodal/Methodista, 1992, p.145.

(8) Título original do artigo: "Beat his ribs while he is young" (Sir 30,12). A window on the Mediterranean world", de PILCH, J.J., in "Biblical Theology Bulletin" 23(1993) n.3, p.101-113.

(9) Id., *ibid.*, p. 111.

(10) Id., *ibid.*, p. 101. Notar que PILCH, com MALINA, Bruce J., é co-autor do recente "Dictionary of New Testament Culture", Peabody, MA, Hendrickson Publ., 1993. Dele também, publicadas há pouco, são duas "Introduções culturais" ao Antigo e ao Novo Testamento: "Introducing the cultural context of the Old Testament" e "Introducing the cultural context of the New Testament", ambas em New York, Mahwah, Paulist Press, 1991.

(11) Id., *ibid.*, p.102-103. Cf *ibid.* um interessante quadro comparativo dos dois estilos de educar ("Trusting, cooperative style of parenting" e "Distrusting and directive style of parenting"), com nove pontos de contraposição.

(12) Id., *ibid.*, p.104.

(13) Ver, no meu já cit. livro sobre o Sirácida, o comentário ao c. 25,13—26,27, p. 128-134, sobre as mulheres.

(14) Cf PILCH, art. cit., p. 104, com as contribuições de CAMPBELL, J.K., in "Honor, family and patronage: a study of Institutions and moral values in a greek mountain community", Oxford, Clarendon Press, 1964.

(15) Digo "aparentemente", porque essa "submissão" é antes de tudo mútua, como o Apóstolo afirma no v. imediatamente anterior: "Sede submissos uns aos outros..." (Ef 5,21) e como espero ter demonstrado no meu artigo "A mulher em Paulo", publicado nesta revista, ENCONTROS TEOLOGICOS n.8 (1990/1), p. 5-10, especialmente os pontos 3.3 e 3.4.

(16) Cf Pilch, art. cit., p. 105 e 107, com as contribuições de BOUHDIBA, A., in "The child and mother in arab muslim society", Princeton, N.Jersey, The Darwin Press, p. 126-141.

(17) Id., *ibid.*, p. 107, com citações de MALINA, B. J., "Dealing with biblical/Mediterranean characters: a guide for US consumers", in BTB 19(1989), p. 127-141; e de SHARABI, H., "Impact of Class and Culture on social Behavior. The feudal bourgeois family in arab society", Princeton, N.Jersey, The Darwin Press, 1977, p. 240-256.

(18) Normalmente traduz-se "conquanto fosse filho", dando sentido concessivo à conjunção gr. *kaiper*. Mas a tradução proposta – "como filho" – segundo HANSON, K.C., in "Pentecost 3: Aids to interpreting the lessons of the Church year", Minneapolis, Fortress, 1991, p.33-34, parece corresponder melhor à argumentação do autor de Hb.

(19) Ainda PILCH, J.J., art. cit., p. 107-109.

(20) STEWARD, E.C. e BENNETT, M.J., "American cultural patterns. A cross-cultural perspective", Yarmouth, ME, Intercultural Press, 1991.

(21) Cf PILCH, J.J., art. cit., p. 110.

(22) Cf o número anterior desta revista, ENCONTROS TEOLOGICOS n.14 (1993/1), quase todo dedicado ao Documento de Santo Domingo, especialmente o artigo de FELLER, V.G., "A antropologia cristã no Documento de Santo Domingo", p. 28-32, e também CUÉNOT, M., "A formação presbiteral e o desafio da cultura", p. 38-41.

(23) Cf tradução deste v. na "Bíblia na linguagem de hoje", da Sociedade Bíblica do Brasil.

Endereço do Autor:

ITESC – cx postal 5041
88040-970 FLORIANOPOLIS,SC